

## EDITORIAL

A presença contínua da violência no mundo é um dos grandes desafios à fé. Uma das faces da violência é a violência religiosa, bem evidente na história das religiões. Nos artigos deste número de Estudos Bíblicos, “Bíblia e Violência”, são abordados temas relativos à presença da violência no próprio texto bíblico, bem como aos caminhos a serem buscados na superação desta violência.

João Luiz Correia Júnior, com seu artigo “O confronto de Jesus com a violência do ‘covil de ladrões’”, contribui para adentrar à pesquisa recente em busca do esclarecimento sobre as causas que levaram Jesus ao conflito com o poder das elites que se perpetuavam no poder político-religioso da Palestina, bem como o alcance e a profundidade de sua atuação, em contexto de violência generalizada e institucionalizada. Jesus sofreu uma morte violenta. Morte de cruz. Teria ele provocado a própria morte? Ele sabia o que estava atraindo sobre si? Tinha consciência que, por conta de seus atos, corria sérios riscos de sofrer a dura violência destas elites? Se ele tinha tal consciência, por que provocou tal poder, denunciando hipocrisias e incoerências do sistema? O que estava por trás de sua ação? Onde ele queria chegar, por exemplo, com o gesto de expulsar o comércio nas portas do Templo e de denunciar aquela instituição (uma das mais importantes de sua cultura religiosa), denunciando-a como “covil de ladrões”?

Dietlind Nüsse, com o artigo “Contra a violência dos fanfarrões deste mundo mentiroso”, faz uma reflexão sobre o Salmo 12(11), no qual, através das relações entre Deus/eu/o inimigo, muito frequentes, a violência se faz presente. Lendo a Bíblia parece que ela em muitas páginas legitima a violência. São Bento, o Pai dos monges do Ocidente (480-547), coloca na sua Regra, capítulo 42, a advertência que à noite não seja lido o Heptateuco ou o Livro dos Reis “porque não seria útil às inteligências fracas ouvir essas partes da Escritura nesta hora; sejam lidos, porém, em outras horas”. São Bento como sábio Mestre coloca essa observação devido a tantas ações violentas e sangrentas do povo de Israel e dos povos vizinhos contidas nestes livros, dos quais Yhwh é cúmplice. Um exemplo forte são as “guerras santas” até com a ordem de Yhwh de total extermínio das cidades conquistadas e seus habitantes. Na reflexão do Salmo 12(11), uma oração que nasceu de uma situação concreta, vida e oração interligadas, o salmista dirige-se a Yhwh, queixando-se que a lealdade entre os “filhos de Adão” se acabou e que domina a opressão violenta dos inimigos. Essa súplica nasceu num certo dia, não se sabe a situação exata e a época concreta. Foi rezada, repetida, talvez modificada por outro salmista até chegar a nós hoje no livro dos salmos, parte das Sagradas Escrituras.

Ronaldo Robson Luiz, em seu artigo “A violência no contexto da resistência dos Macabeus”, leva em conta que encontramos nos textos bíblicos o registro de todas as

expressões humanas, inclusive a violência e pela análise destes textos podemos identificar que a violência e suas consequências sempre estiveram presentes nas práticas sociais desde os tempos mais remotos até os nossos dias. Pensar sobre o tema da violência a partir de uma perspectiva bíblica ou da análise de um texto bíblico sempre nos trará grandes desafios. Estes desafios podem ser evidenciados principalmente quando usamos como princípio hermenêutico diante da Bíblia a nossa cosmovisão cristã ocidental marcada pelo dualismo que, por sua vez, nos coloca obstáculos para pensar na violência dentro do cenário bíblico, a partir do texto inspirado. O autor se propõe o objetivo de identificar, dentro de um determinado cenário sociopolítico e econômico vivido na época dos Macabeus, elementos de ordem religiosa que denotam ou legitimam a prática da violência para com e entre o povo judeu em relação aos seus opressores he-lenizantes.

José Raimundo Oliva contribui com o artigo “Os três êxodos – ‘ouvi o clamor de meu povo’ (Ex 3,7)”. No Antigo Testamento as narrativas do Êxodo do Egito são marcadas por uma violência generalizada. O retorno das elites exiladas na Babilônia, considerado o segundo êxodo, também implica na violência destas elites sobre os camponeses remanescentes da antiga Judeia. No século XX, a ocupação da Palestina pelo sionismo, como um terceiro êxodo, reproduz as características de violência dos dois êxodos anteriores. Nesta reflexão é feita uma abordagem à Bíblia como um “texto de fé”, que motiva pessoas, levando em conta, não a questão da historicidade do que é narrado no texto, mas a credibilidade de que goza, ficando a razão submissa a esta fé. É a postura que se toma diante do “credo histórico” deuteronomístico (Dt 26,4-10; cf. 4,32-39; 6,10-13.20-23; Js 24,2-13), ou, por exemplo, do querigma paulino (1Cor 15,3-5; Rm 1,3-4; 3,24-26), na perspectiva cristã.

Cláudio Vianney Malzoni, sob o título “Bíblia e direitos humanos”, em sua reflexão, tendo em memória os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos celebrados em 10 de dezembro de 2008, faz uma análise da relação entre a Bíblia e estes direitos humanos. É uma reflexão que nos deve lançar para o futuro, uma vez que queremos um futuro no qual os Direitos Humanos sejam respeitados.

José Josélio da Silva, em seu artigo “Do pecado de Sodoma à sodomia”, analisa como, a partir da narrativa bíblica do episódio de Sodoma e Gomorra, foi criado o termo “sodomia” que se tornou um dos fundamentos da homofobia. O uso e abuso de textos bíblicos contra seres humanos não é nenhuma novidade. A Bíblia já foi usada como inspiração contra estrangeiros, judeus, negros/as, índios/as, mulheres, inclusive entre cristãos, e vem sendo usada contra as pessoas em razão de sua orientação sexual (em especial gays, lésbicas e bissexuais) ou sua identidade de gênero (travestis e transexuais), causando a estas inúmeros sofrimentos. O tema do artigo é a violência praticada pelo abuso hermenêutico, ao usar a Bíblia como arma de ataque e ofensa às pessoas de vivência não heteronormativas, inclusive heterossexuais e especialmente gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (travestis e transexuais).

José Artur Tavares de Brito, conhecido como Artur Peregrino, com seu artigo “Canudos, o grito pela terra contra a violência – Um paralelo com os Atos dos Apóstolos”, faz a memória de Canudos como uma experiência de libertação de uma sociedade excludente e violenta. Ela se insere no grito pela terra que é, sem dúvida nenhuma, o grito mais forte, mais dramático e mais desesperado que se escuta em toda a América Latina.

*João Luiz Correia Júnior*  
*José Raimundo Oliva*